

A crise financeira mundial e o Brasil
(Palestra na Associação América Latina)

4ª versão

27 de janeiro de 2009

Introdução

Cheguei ao Brasil em setembro de 2006, quando o país tinha acabado de estabilizar a economia, e estava finalmente começando a pensar na elevação do índice de crescimento econômico como próxima tarefa. A própria imprensa local tinha a tendência de falar disso em acentuado tom de autodesprezo: “o índice de crescimento econômico é notadamente baixo entre os BRICs”; “é o segundo mais baixo da América Latina, vindo depois de Haiti” etc. A percepção era de que o fato de o país começar a atrair a atenção como membro de BRICs era “uma honra demasiadamente grande”.

O presidente Lula, que conseguiu se reeleger, anunciou o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), o carro-chefe da política econômica, logo no início do segundo mandato em janeiro de 2007. O objetivo era aproximar o índice de crescimento ao dos países como China, Índia e Rússia, mas na realidade, o índice de crescimento subiu num ritmo que superava as expectativas do governo, mesmo antes da implementação deste plano. A economia brasileira registrou o índice de crescimento de 5,7% em 2007. (Em 2008, embora tenha registrado o crescimento negativo no quarto trimestre, acredita-se que o resultado do ano tenha ficado por volta de 5,5%.) Vivendo no país, sente-se uma energia e entusiasmo que superam estes números. Nas grandes cidades o congestionamento do trânsito se tornou normal, e os shopping centers estão sempre lotados de pessoas fazendo compras. Os vôos domésticos estão sempre com assentos esgotados. Os comentários da imprensa também são, na maioria das vezes, no sentido de afirmar a situação atual, e podemos sentir na pele que o país como um todo está se tornando mais autoconfiante. Agora que a atenção se concentra no lado sombrio de outros países do BRICs, por conta do conflito na Geórgia do ano passado e onda de terrorismo em Mumbai, há quem diga: “é embaraçoso ser visto como sendo da mesma laia daqueles países”.

Esta crise financeira internacional pegou o Brasil de surpresa quando este estava começando a viver uma prosperidade econômica sem precedentes. Atualmente, o Brasil está lançando diversas medidas econômicas, tentando a todo custo impedir o agravamento da economia

interna. Concluindo, a perspectiva econômica do Brasil a médio e longo prazo continua auspiciosa, e eu, particularmente, acho até que a superioridade do Brasil se fará notar cada vez mais entre os países emergentes, mas as dificuldades enfrentadas atualmente pelo Brasil se devem a fatores externos, de modo que não se pode afirmar com certeza quando exatamente passará a se recuperar.

Por outro lado, a relação entre o Japão e o Brasil saiu do longo período de estagnação e está ganhando vida rapidamente. Principalmente desde o ano passado, graças ao efeito sinérgico de dois acontecimentos positivos que foram o sucesso dos eventos comemorativos do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e outras iniciativas relacionadas, e a aceleração do investimento no comércio exterior, a relação entre os dois países está animada de modo geral. Entretanto, com a recente crise financeira, muitas das empresas japonesas que atuam no Brasil foram obrigadas a rever as estratégias de venda e os planos de investimento devido à súbita piora dos resultados comerciais, encontrando-se numa situação difícil. Na qualidade de quem se dedica à relação entre o Brasil e o Japão, estou atualmente muito curioso em saber em que medida a crise internacional de hoje afetará as atividades comerciais entre os dois países, que estavam começando a tomar feições de *boom*.

Na palestra de hoje, gostaria de falar sobre a situação atual e as perspectivas do Brasil, com foco principal na economia, e pensar no futuro da relação entre os dois países, baseado na consciência dos problemas acima.

Situação atual do Brasil

1. Antes do colapso da Lehman Brothers, a economia vivia uma prosperidade sem precedentes

Vamos fazer um apanhado geral da situação do Brasil às vésperas do colapso da Lehman Brothers ocorrido em setembro do ano passado.

Há pouco eu disse que as perspectivas a longo prazo do Brasil continuam boas. Qual é o fundamento? Em primeiro lugar, porque o Brasil conseguiu se livrar da constituição econômica frágil do passado, e está começando a entrar no ritmo de crescimento estável, e em segundo lugar, porque o Brasil está politicamente estável, criando-se o ambiente internacional que facilita a revelação do seu verdadeiro valor como potência fornecedora de recursos naturais confiável. Este quadro básico não foi

modificado pela crise financeira internacional.

Analisando a situação imediatamente anterior ao colapso de Lehman, o Brasil, novo centro de atenções na qualidade de fornecedor de recursos naturais e alimentos, recebia dinheiro do mundo inteiro, graças à alta dos preços de matéria-prima. Diz-se que em 2008 entrou no país cerca de 5 trilhões de ienes em 8 meses que precederam o colapso da Lehman. O preço das ações e a taxa de câmbio subiram sem parar, tanto é que o preço das ações registrou em maio de 2008 o valor recorde desde a fundação da Bovespa (73.000 pontos). Com a grande melhora de quase todos os índices econômicos tais como a queda do índice de desemprego e elevação do salário médio, o índice de crescimento econômico também registrou marcas que superavam a previsão do governo. A dívida externa, que travava a economia brasileira, também foi reduzida, e a reserva cambial teve um grande salto, ultrapassando 200 bilhões de dólares. O ranking do Brasil também foi elevado a grau de investimento. Com a alta dos preços de ações ligadas às matérias-primas, momentaneamente o montante total do valor das ações da Petrobras superou o da Microsoft. Como a taxa de câmbio do real para o dólar subia sem parar, aumentou a procura por aplicações em real, que tem juros altos, assim como muitos senhorios passaram a calcular o aluguel em real, coisas que eram impensáveis no Brasil de um tempo atrás.

Logo após a ocorrência do colapso de Lehman, as autoridades reagiram com serenidade. O próprio presidente Lula disse: “O tsunami que começou nos Estados Unidos, no Brasil vai chegar como uma marolinha”, causando celeuma. Talvez isto tenha sido a demonstração da segurança na saúde do sistema financeiro brasileiro e na tenacidade da própria economia brasileira. A propósito, as instituições financeiras do Brasil possuem pouquíssimos ativos relacionados com subprime.

2. A economia brasileira sofreu freada brusca com o colapso de Lehman

Mas o efeito sobre a economia brasileira começou a se fazer sentir imediatamente. Vamos fazer uma síntese de como a crise financeira internacional afetou o Brasil.

- ① O primeiro efeito se manifestou em forma de repatriação em massa do fundo investido pelos estrangeiros, principalmente em *hedge fund*. Com isso, a cotação das ações e a taxa de câmbio sofreram uma queda repentina, ocorrendo a retração brusca de crédito. Aliás, diz-se que esta repatriação de fundos foi feita pelos investidores premidos pela

necessidade de garantir a liquidez em mãos, nem sempre significando a queda de confiança a médio e longo prazo no Brasil.

② A retração de crédito continua afetando bastante a economia real até hoje.

Principalmente a queda repentina do volume de venda de automóveis e eletrodomésticos é séria. Por que? Porque no Brasil a venda de automóveis e eletrodomésticos é feita na maioria das vezes a crédito. No caso de automóveis, era praticada amplamente a venda sem entrada e com financiamento de longo prazo, de 70 prestações, por exemplo, mas as instituições financeiras, que se viram com falta de liquidez, tornaram rigorosas as condições para financiamento (limitando, por exemplo, o número de prestações a 36, e exigindo 50% de entrada), dificultando principalmente a aquisição de automóveis pela população de baixa renda. O número de automóveis vendidos em novembro caiu 25,6% em relação ao mês anterior. Em dezembro, melhorou 9% em relação ao mês anterior, mas isto foi o efeito da redução de IPI de que falarei posteriormente. A queda de venda e de produção de automóveis e eletrodomésticos está afetando enormemente a produção dos fornecedores de chapas de aço e peças, e até dos minérios. O efeito da retração de crédito atingiu também o setor agrícola, estando muitos agricultores com falta de capital de giro. Mesmo com uma parte dos latifundiários está ocorrendo a dificuldade de adquirir fertilizantes e defensivos agrícolas.

③ A queda brusca de preços de commodities como minérios e soja também afeta grandemente a economia brasileira. A participação dos produtos primários no total da exportação brasileira sempre foi grande, mas com a recente alta dos preços de commodities, o peso aumentou mais ainda (de 2007 a 2008, a participação aumentou de 32% para 37%). Por isso, queda dos preços de commodities tem causado uma grande redução de renda de exportação → redução do superávit comercial

④ O preço das ações do Brasil caiu 41,22% em um ano em 2008. Trata-se da segunda maior queda da história. A taxa de câmbio que, em agosto, quando registrou o pico, era de R\$ 1,55 o dólar, abaixou para R\$ 2,334 no final do ano.

Por que o Brasil, que não possui os ativos relacionados com subprime, está sendo afetado tanto? Sobre isso, há quem diga que ① o interesse dos investidores (garantir a liquidez em mãos), somado à forte percepção de “Brasil como um país fornecedor de recursos naturais”, provocou a venda do

Brasil, ou que ② o afluxo de fundos e a alta do real anterior ao colapso de Lehman tinha caráter de bolha. Mesmo para a percepção dos consumidores, a taxa de câmbio de agosto do ano passado, quando registrou o pico de R\$ 1,559 o dólar, estava claro que era alta demais. Por exemplo, pela taxa de câmbio da época, o preço de Big Mac no McDonalds era de 8 dólares, o terceiro mais alto depois da Comunidade Européia e Rússia. A propósito, mesmo convertendo em dólar os preços em geral pela taxa de câmbio atual (R\$ 2,xx o dólar), não se sente muito que o custo de vida no Brasil seja baixo, excetuando-se alguns alimentos frescos.

Resposta do governo brasileiro e perspectivas futuras

1. As medidas econômicas do governo brasileiro são de efeito imediato

A seguir, vou explicar as medidas econômicas que o governo brasileiro vem tomando desde o início da crise. Até que o governo brasileiro percebeu cedo a gravidade da situação e tem tomado sucessivas medidas para evitar o agravamento da situação econômica. Como muitas das medidas econômicas do Brasil são tomadas em forma de Medida Provisória (decreto presidencial que tem o mesmo efeito da lei, baseado no poder do presidente da República de legislar em caráter emergencial), surtem efeito mais rapidamente que no Japão, Estados Unidos e Europa.

(Política financeira)

Primeiramente, para romper o ciclo vicioso causado pela retração de crédito, priorizou o fornecimento de liquidez. Em termos concretos, foram tomadas medidas como redução da porcentagem de depósito compulsório exigido das instituições financeiras, e injeção de dinheiro aos bancos de médio e pequeno porte, montadoras de automóveis, agricultura e setor de exportação pelas instituições financeiras públicas (BNDES, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal etc.). Com relação à queda de taxa de câmbio, fez a intervenção cambial, ao mesmo tempo que firmou o acordo de permuta monetária de 30 milhões de dólares com a FED americana. Para fazer a economia brasileira andar, é indispensável recuperar o fluxo fácil do crédito, mas embora a medida do governo para proporcionar a liquidez esteja contribuindo para a melhoria da transação interbancária, a relutância dos bancos em conceder financiamento ainda continua, e o efeito ainda não chegou até os pontos periféricos da economia.

(Política financeira)

A política financeira também está sendo implementada, e em dezembro foi lançado o pacote de redução de imposto de 3,6 bilhões de dólares, que consiste em alterar a tabela progressiva do imposto de renda de pessoa física (as alíquotas progressivas foram aumentadas de 2 categorias para 3, para dar mais atenção à camada de renda média) e reduzir o IOF que incide sobre o financiamento a pessoas físicas e o IPI que incide sobre a venda de automóveis (por exemplo, isentar os veículos de pequeno porte com até 1.000 cilindradas até o final de março). Como resultado, a venda dos automóveis em dezembro aumentou em relação a dezembro, conforme expliquei há pouco. Em janeiro, está previsto o anúncio de pacote de ampliação de investimentos da ordem de 6 bilhões de reais (cerca de 2,6 bilhões de dólares).

Além disto...→(Explicação do pacote de ampliação de investimento a ser anunciado em janeiro)

(Medida de estímulo ao consumo interno – manutenção firme do PAC)

Com relação ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que é o segundo carro-chefe do segundo mandato do governo Lula, o governo está anunciando repetidamente o propósito de mantê-lo e ampliá-lo. O projeto de trem-bala que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, alvo de grande interesse por parte do Japão, também faz parte do PAC. Houve época em que se receou que este projeto fosse adiado devido à situação econômica, mas as autoridades brasileiras afirmam que “o grau de prioridade até aumentou, pois o projeto de trem-bala é importante como meio de estimular a economia”.

Além disso, para aumentar o consumo interno, o governo como um todo está desenvolvendo uma campanha em que o próprio presidente Lula toma a frente para convidar o povo a consumir, incentivando também os governos regionais a executar obras públicas.

(Política de juros)

Desde o início da crise, a atenção se concentrou na redução ou não redução dos juros do Banco Central (SELIC), de 13,75%, o mais alto do mundo, mas o Comitê de Política Monetária do Banco Central, que tem o poder de decisão, decidiu pela manutenção de juros por duas vezes até dezembro, apesar do apelo do presidente Lula e do setor econômico. Hesitaram em baixar os juros porque havia o receio de ocorrer a inflação de importação devido à queda da taxa de câmbio, mas como foi constatado que mesmo depois disso os preços internos mantinham-se estáveis, decidiram

pela redução de 1%, superior à expectativa do mercado, em 21 de janeiro. Falta saber em que medida isso terá efeito de melhorar a economia.

(Perspectiva de reforma estrutural)

E ainda, com a piora da situação econômica, voltou a se falar na necessidade de reforma estrutural, há muito em pendência. A atenção se volta principalmente para o destino da reforma de ① sistema tributário complexo, com alíquotas elevadas, ② sistema previdenciário dos funcionários públicos, ③ sistema trabalhista rígido, considerados fatores de inibição do crescimento da economia brasileira. O Japão também está interessado nestas reformas, por considerar que levarão à redução do assim chamado “custo Brasil” e à melhoria do ambiente de negócios. Ele já vem trabalhando com o governo brasileiro nesse sentido, principalmente no que se refere ao sistema tributário, mas por enquanto não se sabe ao certo até que ponto o governo Lula tem intenção de se empenhar seriamente na reforma.

2. Perspectivas futuras

(As perspectivas a curto prazo não são nada boas, mas talvez sejam melhores que as de outros países.)

O índice de crescimento do terceiro trimestre de 2008 foi de 6,8%, bem acima da expectativa, mas o quarto trimestre registrou crescimento negativo, ficando por volta de 5,5 ao ano. Para o primeiro trimestre deste ano também se prevê o crescimento negativo.

Com relação ao índice de crescimento de 2009, o governo torce para que seja 4%. O Banco Central prevê 3,2%, e o setor privado, de 2 a 3%, valores mais modestos. Lula, que até então nunca havia adotado tom pessimista nos seus discursos, ao entrar neste ano, disse francamente que o primeiro trimestre será difícil. Muitos dizem que no segundo semestre deste ano começará a recuperação, puxada pelo consumo interno, mas no momento não temos a impressão de que a recessão chegou ao fundo do poço.

(As perspectivas de médio e longo prazo são boas)

A médio e longo prazo, pode-se dizer que as perspectivas do Brasil são ainda melhores. Não apenas esta crise está deixando claro que o Brasil se saiu menos afetado que os demais países emergentes e BRICs, como também parece que estão se evidenciando ainda mais os pontos fortes e a superioridade relativa do Brasil. Gostaria agora de fazer uma análise do que sejam os pontos fortes do Brasil no contexto da atual crise econômica

internacional.

- ① O setor econômico do Brasil é mais saudável que o da Europa e Estados Unidos. Em parte porque as instituições financeiras estão sob controle rigoroso, a situação dos ativos é boa. Não possui quase nenhum ativo relacionado com subprime, nem sofreu os danos do derivativo. O Banco Central tem credibilidade internacional.
- ② O potencial do Brasil como grande fornecedor de recursos naturais está atraindo ainda mais atenção, mas é importante também o fato de não ser economia monoculturista com grande dependência de alguns recursos naturais. Mesmo olhando como país fornecedor de matéria-prima, não há outro país que dispõe de três recursos naturais – energia, minérios e alimentos – de forma plena. No que se refere aos recursos minerais, é o primeiro do mundo em produção de minérios de ferro e segundo na produção de bauxita, Além destes, tem sido constatada a presença de urânio e metais raros, mas são muitos os recursos minerais que ainda não estão sendo suficiente explorados. Quanto ao petróleo, conseguiu recentemente a autosuficiência, e estão sendo descobertos sucessivamente novas jazidas, motivo pelo qual acredita-se que se tornará em breve um dos maiores países produtores de petróleo do mundo (8º lugar?). Com relação aos produtos agrícolas, todos são competitivos, exceto o trigo. Atualmente é o primeiro colocado do mundo em volume de exportação de 6 itens (café, açúcar, cigarro, suco de laranja, carne bovina, etanol), e há ainda vários outros produtos nos quais o Brasil se tornará o primeiro do mundo em volume de exportação. Não há país que supere o Brasil em potencial agrícola. O setor líder do Brasil em receita de exportação é o agronegócio (acima de 70 bilhões de dólares), e levando-se em conta que é impensável que a demanda de alimentos da China e Índia, que abrigam 38% da população mundial, não cresça mais, a importância deste setor poderá aumentar daqui para frente, mas nunca diminuir. Mesmo no que se refere aos produtos industrializados, ocupa o terceiro lugar na produção de aeronaves comerciais e sexto ou sétimo lugar na produção de automóveis (da ordem de 2,8 milhões de unidades), e em muitos outros produtos industrializados está entre os 10 primeiros do mundo.

O Brasil é também uma potência tecnológica. A tecnologia de fabricação de aviões de pequeno porte, de produção de etanol, de exploração de

jazidas no fundo do mar são do mais alto nível do mundo. E por abrigar 23% de todas as espécies de seres vivos do mundo, e ser rico em matérias-primas, é avançado também em biotecnologia, além de ser uma potência em TI que utiliza o software financeiro de ponta.

Resumindo, o Brasil é um país com potencial relativamente bom a alto, nos campos promissores para os quais haverá maior demanda do mundo no futuro.

- ③ Devemos atentar para o fato de que o Brasil está concretizando o crescimento puxado pela demanda interna. O índice de consumo pessoal de 60% do PIB é o mais alto entre os BRICs. O Brasil tem renda *per capita* mais alta que nos demais países emergentes como China e Índia, e é natureza do seu povo querer aproveitar ao máximo a vida, sendo muito grande a vontade de consumo. A demanda por artigos de luxo e produtos nobres como automóveis e TV de tela plana deverá continuar crescendo bastante. Aliás, o mercado de automóveis e computadores pessoais já atingiu uma escala praticamente igual à do Japão. Um dos pontos fracos do Brasil é a grande desigualdade de renda, mas com o esforço do governo Lula que elegeu como tarefa prioritária a redução de desigualdade de renda, implementando o aumento do salário mínimo e o fornecimento de Bolsa Família, a camada pobre está conquistando o poder aquisitivo, ocorrendo a explosão de venda de motocicletas e eletrodomésticos da linha branca. Acredita-se que o mercado interno brasileiro continuará a se ampliar vigorosamente tendo como uma das forças motrizes o aumento do poder aquisitivo da camada de baixa renda. Segundo a pesquisa de um *think tank* do Brasil publicada no início deste ano, nota-se claramente que as empresas brasileiras voltadas para o mercado interno têm perspectivas melhores que as voltadas para a exportação.
- ④ Na literatura japonesa relativa a BRICs, tende a ser esquecido um detalhe: o fato de que nos últimos anos, além do alto potencial econômico do Brasil, chama a atenção a estabilidade política e o baixo risco político. No Brasil a democracia está bem consolidada, concretizando uma sociedade mais livre e transparente entre os países emergentes. A possibilidade de voltar ao militarismo e autoritarismo é nula. Fatores de desestabilização como conflitos étnicos e religiosos e terrorismo interno, ou o estopim para isso, também não existem, sendo nula a ameaça à segurança vinda de países vizinhos ou o conflito armado. Esta

característica que o destaca entre os BRICs, que é a estabilidade política e a reduzida incerteza do Brasil está merecendo alto reconhecimento do ponto de vista do ambiente de negócios.

Assim explanei sobre os pontos fortes do Brasil que merecem especial atenção dentro do cenário econômico internacional atual, mas não devemos nos esquecer de que já estão se tornando passado a sua fragilidade frente ao exterior e a gestão econômica desleixada.

⑤ Correção da fragilidade frente ao exterior

Sempre foi apontada a constituição econômica frágil ao choque externo como vício do Brasil, mas nos últimos anos este vem sendo sanado. A reserva monetária ultrapassa 200 bilhões de dólares graças à exportação que vai de vento em popa, chegando a ser uma das maiores do mundo depois da China, Japão e Rússia, além de ter alcançado a auto-suficiência quantitativa em petróleo. Com a combinação de tudo isso com a produção abundante de recursos naturais, energia e alimentos e com o desenvolvimento econômico puxado pela demanda interna, está em transição para a estrutura econômica resistente ao choque externo. No ano passado, o Brasil conseguiu pela primeira vez na história entrar para o rol dos países credores, e acredita-se que este saneamento da fragilidade frente ao choque externo conferiu mais outro ponto forte ao Brasil.

⑥ Política macroeconômica sólida implementada pelo governo e pelo Banco Central

Quando se fala em pontos fortes do Brasil, a tendência é pensar em “matérias-primas” superiores como recursos naturais, energia e alimentos, mas devemos também valorizar a gestão macroeconômica sólida fundamentada na lição aprendida com a conturbação econômica dos anos 80 e 90. Vez ou outra surgem críticas à preocupação exagerada com a inflação, mas o Banco Central tem tido sucesso em conter a inflação pelo fato de manter a política de juros elevados, alíás os mais altos entre os principais países, e o governo conseguiu recentemente o superávit financeiro básico na gestão financeira. Não se pode negar que esta gestão macroeconômica sólida foi sustentada pela situação economia favorável, mas a gestão econômica conduzida pelo Banco Central tem obtido o reconhecimento não só do mercado mas também internacionalmente.

(Qual a expectativa do Japão em relação ao Brasil?)

__O Brasil é um país abençoado em vários sentidos. Não se pode negar que até agora, apesar de ser favorecido por esse dom natural, e às vezes por isso mesmo, nem sempre conseguiu revelar o seu potencial. Entretanto, com o aumento do peso dos países emergentes no cenário mundial e o agravamento da crise financeira mundial que começou no ano passado, exige-se mais do que nunca que o Brasil manifeste o seu enorme potencial e contribua para a economia mundial. Além de se esperar que o Brasil cumpra uma função ainda mais importante como fornecedor de recursos naturais e alimentos à Índia, China e outros países, e também como um enorme mercado consumidor, espera-se também que ele, como uma nação democrática, desempenhe o papel construtivo e responsável como possuidor de bom senso dentre os *new faces* da gestão global. Este último ponto é especialmente importante para o Japão.

A seguir, gostaria de pensar junto com a platéia sobre como o Japão deverá se relacionar com este Brasil.

A relação entre ambos os países

Muitas das pessoas que estiveram envolvidas com a relação Japão-Brasil no Brasil sonham em “reviver a época áurea dos anos 70”. Só esse fato já é muito auspicioso para nós, japoneses, pois isso demonstra que o Brasil ainda não se esqueceu de que o Japão desempenhou um papel importante na construção do Brasil.

Atualmente, a relação entre o Japão e o Brasil está se intensificando a cada dia, chegando a sugerir que está para haver um novo *boom*, mas isso não significa necessariamente a volta do *boom* de investimento dos anos 70. Nestes 30 anos, o Japão e o Brasil têm se desenvolvido cada qual com consciência, e a posição que ocupam na sociedade internacional se tornou incomparavelmente mais alta que naquela época. De um lado, o Japão consolidou sua posição como potência econômica e como líder da sociedade internacional, e de outro, o Brasil cresceu vigorosamente sob o regime democrático, destacando-se também como um dos novos protagonistas da sociedade internacional. Neste contexto, a relação entre os dois países também tem se modificado, não apenas quantitativamente, como também qualitativamente.

Destacam-se principalmente os seguintes pontos:

1. Em primeiro lugar, a ampliação e o aprofundamento da cooperação na

política e no cenário internacional.

O fato mais emblemático é que de 2005 para cá, os dois países formaram o G4 junto com Alemanha e Índia e estão cooperando entre si visando a reforma do Conselho de Segurança da ONU e a inclusão nele como membros permanentes. A negociação pela reforma do Conselho de Segurança começará em breve e finalmente está chegando a hora da verdade, quando os dois países deverão se unir ainda mais. O fato de terem cooperado entre si nos últimos anos com relação aos assuntos de grande interesse nacional de ambos, a consciência de grupo e a relação de confiança cultivados entre os *staffs* de ambos os governos constituirão um ativo diplomático precioso. Além da reforma do Conselho de Segurança, há inúmeros outros temas nos quais os dois países deverão intensificar a cooperação, mas eu penso que deverão priorizar daqui para frente a cooperação relativa ao desarmamento nuclear e à não-proliferação de armas nucleares, tendo em vista que o Brasil é o único país do BRICs que não possui armas nucleares. O campo do meio ambiente, especialmente a questão das mudanças climáticas, também ganhará importância como tema de cooperação.

2. O que mais se sente trabalhando diariamente no Brasil é que a presença econômica do Japão está crescendo a cada dia.

Por volta do ano retrasado, iniciou-se o *rush* de visita ao Brasil das cúpulas das empresas japonesas. Até 2007, esta embaixada e o consulado-geral em São Paulo conseguiam saber mais ou menos quantos CEOs das empresas japonesas vieram ao Brasil (cerca de 10), mas desde o ano passado tornou-se difícil conhecer o número exato, talvez porque a visita deles se tornou corriqueira. Por aí pode-se perceber como o movimento dos negócios com o Brasil está se tornando algo sério. Em diversos setores, o plano de investimento está sendo concretizado. Estão sendo anunciados sucessivamente novos projetos na área de aço, automóveis, etanol etc. O montante total do comércio exterior (bilateral) de janeiro a outubro do ano passado superou em 20% o total anual de 2007. O investimento cresceu 2,5 vezes.

3. Nas relações econômicas recentes, nota-se o rápido avanço da ampliação de áreas de cooperação e a mudança na qualidade.

Dentro do novo ambiente internacional do século 21, a relação comercial e de investimento na área de recursos naturais e alimentos se tornou mais importante do que nunca. Os negócios das áreas tradicionais

como siderurgia, automóveis, papel e celulose também estão crescendo rapidamente, tendo como pano de fundo a prosperidade da economia brasileira. Além disso, nos últimos tempos, a área de alta tecnologia surgiu como protagonista da cooperação entre os dois países. O exemplo representativo disso é a TV digital. Como é do conhecimento de todos, o único país do mundo que utiliza atualmente o sistema japonês é o Brasil. No momento, o setor público e o setor privado de ambos os países estão unindo as forças para vender aos países da América do Sul o sistema japonês modificado (sistema nipo-brasileiro). Se a iniciativa for bem-sucedida, não apenas a tecnologia de TV digital do Japão será dominante no continente sul-americano como também nascerá um mercado gigantesco para a indústria eletrônica de ambos os países. Igualmente, depositamos uma grande expectativa no projeto de trem-bala que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, do governo brasileiro, como sendo projeto de cooperação do século 21. O processo de licitação ocorrerá por volta do verão [nota da tradutora: do Japão?] deste ano, e no Japão também a União de Empresas está realizando os preparativos para a participação, com o apoio total do governo. Desde março do ano passado, por várias vezes a missão mista público-privado e a missão da União das Empresas visitaram o Brasil, para explicar sobre o sistema de trem-bala e trocar idéias e informações com o governo brasileiro. Como a Europa e a Coréia também estão fazendo abordagem agressiva, não se pode fazer um prognóstico sobre o resultado, mas acredito que têm conseguido impressioná-lo com a enorme superioridade técnica do trem-bala japonês, principalmente no que diz respeito à segurança e precisão de operação. Este projeto, estimado em 1 a 2 trilhões de ienes, é um projeto de grande escala digno de se tornar “o projeto do século”.

4. O Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e o Ano de Intercâmbio Brasil-Japão deram impulso à relação entre os dois países.

Creio que é do conhecimento das pessoas aqui presentes que no ano passado foram realizados em ambos os países os eventos e os projetos comemorativos do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e do Ano de Intercâmbio Brasil-Japão. No Japão foram executados 462 projetos reconhecidos, e no Brasil, mais de 1.000, nas mais diversas modalidades, obtendo sucesso bem acima do esperado. O ponto mais alto foi a visita do príncipe herdeiro do trono japonês ocorrida em junho. Ele participou das comemorações realizadas em Brasília, São Paulo e Paraná, sendo recebido

com muito entusiasmo pelo povo. Na mesma época, houve a visita da delegação de deputados que veio festejar a data, presidida pelo presidente Aso, da Federação dos Deputados Pró-Amizade Japão-Brasil, antes de tomar posse como primeiro-ministro, e a relação entre os dois países ficou bastante animada. Eu participei de diversos eventos comemorativos, nos quais chamaram especialmente a minha atenção os seguintes três seguintes pontos:

- ① O fato de que a preparação e a execução dos projetos e eventos comemorativos pela união da comunidade nikkei do Brasil, com a participação da ala jovem, contribuiu grandemente à recuperação da força dela. Merece destaque também o fato de que os nikkeis influentes de diversos setores colaboraram por sua iniciativa, mostrando para todos a grandeza da força da comunidade nikkei. Espera-se que a comunidade nikkei continue desempenhando um papel central como ponte entre o Japão e o Brasil.
- ② O que me impressionou muito foi que os brasileiros não-nikkeis mostraram grande interesse pelo Centenário, e até organizaram e executaram os projetos comemorativos por sua iniciativa. Os eventos comemorativos foram realizados com a ampla participação do governo federal, assembleias legislativas, governos regionais e empresas privadas, tornando-se uma festa nacional de fato.
- ③ O Centenário impulsionou ainda mais a relação entre os dois países, que já ia bem. Nem é preciso dizer que a realização dos eventos do Centenário com o vento a favor, que era a intensificação da relação econômica, foi importante para o sucesso deles, mas não devemos nos esquecer de que o sucesso dos projetos e eventos comemorativos auxiliaram na compreensão do Japão, servindo para criar um ambiente favorável para a prosperidade dos negócios das empresas japonesas.

Conclusão

Como vimos acima, o Brasil encontra-se atualmente numa situação difícil, assim como a grande maioria dos países do mundo, mas diferentemente do Brasil do passado, sua economia tem sustentação, devendo sofrer menos efeito da crise financeira mundial que os países da Europa e da América do Norte e outros países emergentes.

O Brasil reúne todos os elementos indispensáveis para o

desenvolvimento a médio e longo prazo, tais como estabilidade da política interna, ambiente internacional pacífico, riqueza de recursos naturais etc., na forma completa. Estas são condições favoráveis que não existem em outros países emergentes. Conforme expliquei antes, é grande a possibilidade de o Brasil se tornar “vencedor” entre os países emergentes.

E do ponto de vista do Japão, entre ele e o Brasil existe o sentimento de intimidade dos brasileiros para com o Japão gerado pela presença da maior comunidade nikkei do mundo, e a relação de confiança cultivada pelos projetos nacionais do período pós-guerra, que constituem um precioso patrimônio do Japão. Para o Japão, o Brasil é um dos poucos países em que o fim do fluxo de dinheiro não significa o fim do relacionamento, um país que possui o DNA do Japão.

Com algumas redundâncias, gostaria de enfatizar três pontos que o Japão não deverá negligenciar na relação futura com o Brasil.

Em primeiro lugar, o Brasil já vinha ocupando um lugar importante dentro da cadeia de fornecimento global, na qualidade de fornecedor de recursos naturais e alimentos, mas no futuro se sobressairá ainda mais como potência em recursos naturais. O Japão deverá pensar na relação comercial e de investimento com o Brasil na área de recursos naturais e alimentos, do ponto de vista global e com visão de médio e longo prazo.

Em segundo lugar, gostaria de apontar a importância da área de alta tecnologia e de alto valor agregado. A ciência e a tecnologia são áreas nas quais o Brasil deposita mais expectativa, e a manutenção e o fortalecimento da relação sólida nesta área é importante também dentro do contexto geral da relação entre os dois países. O Japão deverá dispensar bastante atenção para a relação especial baseada na relação de sangue que existe entre os dois países, para a grande capacidade do Brasil de absorver a tecnologia, para o longo histórico de intercâmbio técnico, existência do pool de técnicos nikkeis competentes etc., e promover o aprimoramento da relação. A TV digital e o trem-bala são extremamente importantes como *test cases* desta cooperação Japão-Brasil do século 21.

O terceiro ponto está relacionado com os dois primeiros, e consiste no seguinte: ① O Brasil possui, além dos recursos naturais e alimentos de que o Japão necessita, a juventude e a criatividade, e ainda, 200 milhões de habitantes mais japonófilos do mundo. ② O Japão já vem fornecendo as tecnologias e o capital de que o Brasil necessita, de forma condizente com o

ganho de médio e longo prazo do Brasil, e é capaz de continuar fornecendo. Ambos os países deverão repensar na importância da existência de uma parceria peculiar como esta entre os dois.